



ENTREVISTA

**“Pensar, julgar e aplicar julgamento às nossas próprias ações”
– entrevista com Jerome Kohn***

*“To think, to judge and to apply judgement to our actions in the world”
– interview with Jerome Kohn*

*“Pensar, juzgar y aplicar juicio a nuestras propias acciones”
– entrevista con Jerome Kohn*

Wolfgang Heuer**
Vinícius Liebel***

A influência e a relevância do pensamento arendtiano para as Humanidades em nosso tempo é mais do que clara. Isso se demonstra pela qualidade e diversidade dos artigos apresentados neste dossiê, pela crescente produção interpretativa de seu pensamento ou, ainda, pela utilização de suas reflexões para fazer avançar novas análises e ações, tanto no meio acadêmico quanto fora dele. Mais ainda, nas transformações políticas a que temos assistido nos últimos anos e no avanço de ideias e políticas conservadoras e retrógradas, no desenvolvimento do populismo e do extremismo de direita, percebemos a atualidade premente de sua obra.

Evidências dessa atualidade não faltam. Uma delas é a indicação do livro de Bethânia Assy (2015), resenhado por Adriano Correia neste dossiê, ao prêmio Jabuti, o maior do mercado livreiro brasileiro, na categoria de Ciências Humanas/Não Ficção no ano de 2016. *Ética, Responsabilidade e Juízo em Hannah*

Arendt traz considerações urgentes para a reflexão sobre o contexto brasileiro, mas em especial sobre a condição da ação, da responsabilização pelos atos de cada um de nós. A irreflexão que assalta o campo político, a aparente incapacidade de pensar e agir em consonância com os semelhantes ou de assumir sua responsabilidade no corpo social são elementos observados cotidianamente em nossa sociedade. Da mesma forma, a objetificação do semelhante – em um tempo no qual assédios sexuais e morais parecem normalizados – e a falta de empatia e de responsabilidade no trato com o outro não parecem levar nunca a uma reflexão e a uma ação socialmente responsável, mas apenas a ataques obtusos ao “politicamente correto” ou à “sensibilidade excessiva” do outro.

A responsabilidade pelo caos e pela dominação de toda forma de corrupção do tecido social é múltipla, ela pode ser de cada um, por suas (in)ações e falta

* Tradução: Vinícius Liebel.

** Professor livre-docente no Instituto Otto-Suhr de Ciência Política da Freie Universität Berlin.

*** Historiador, doutor em Ciência Política pela Freie Universität Berlin.

de reflexão, e das instituições, por suas convivências e incentivos manifestados pelos indivíduos que dela fazem parte. Afinal, é na invisibilidade das estruturas burocráticas, que envolvem desde o mais alto nível do governo até as fábricas, empresas, forças de segurança, universidades e escolas, que a permissividade e a banalidade se manifestam. Hannah Arendt nos instiga a nos perguntar se uma existência moral é possível nessa realidade. Ela nos ensina que é na reflexão e na responsabilização que começamos a construir esse mundo, ao menos para nós mesmos. Se não cometemos um delito, é porque não queremos viver com um criminoso. Não podemos fugir de nossa própria companhia – onde eu vou, lá estarei. Assassinos estão condenados a conviver com assassinos, corruptos com corruptos. O inferno não são mais os outros. Bethânia Assy sintetiza, assim, três formas centrais de responsabilidade: a responsabilidade de escolher a si mesmo – e a seus atos –, a responsabilidade de escolher seus exemplos e dessa forma o espelho de sua conduta, e a responsabilidade pela preservação do mundo (*amor mundi*). A ciência dessa situação e a responsabilização pelos atos seria o princípio da construção dessa sociedade moralmente mais aguçada.

Outra evidência da atualidade de Hannah Arendt é a volta de *Origens do Totalitarismo*, estudo seminal da autora, à lista dos mais vendidos em todo o mundo após a ascensão de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos. Sua relevância não está na caracterização do movimento totalitário propriamente dito, mas sim na observação do atomismo social e do esvaziamento do sentido da política no mundo contemporâneo. Donald Trump pode não ser Hitler ou Stalin, mas a sociedade que lhe garante o poder é também uma sociedade de desvalidos, de desacreditados na política, de indivíduos que não se sentem representados e se percebem traídos pelas promessas e pelas ideologias. É nesse sentido que a obra retorna com *insights* preciosos, que nos apontam elementos para compreender o fenômeno da ascensão do populismo de direita no mundo e os perigos que ele pode representar. Esses exemplos, em meio a muitos

outros, demonstram que não apenas a obra arendtiana ainda nos tem muito a ensinar, mas também que existe uma grande quantidade de pessoas que seguem seus passos e buscam, frente ao desconhecido e ao absurdo, compreender o mundo.

Mas diante desse cenário, uma questão retorna continuamente às nossas mentes: o que podemos de fato aprender com Arendt? Qual o papel de Arendt na educação, na reflexão e na construção de um saber cidadão? Buscamos as respostas para essas perguntas com um de seus alunos mais importantes, herdeiro direto que é de seu trabalho.

Jerome Kohn foi aluno e assistente pessoal de Hannah Arendt, auxiliando-a em seu trabalho docente. Depois da morte da autora, em 1975, ele gerenciou seus bens e se tornou o diretor do *Hannah Arendt Center* na New School University, em Nova York. Reeditou o livro *Entre Passado e Futuro* (2006) e organizou os volumes *Hannah Arendt – Essays in Understanding, 1954-1975* (1994), que tem o segundo volume com previsão de lançamento para 2017, *Responsabilidade e Julgamento* (2003), e, juntamente com Ron Feldman, *Os Escritos Judaicos* (2007) e *A Promessa da Política* (2009). No site da *The Hannah Arendt Papers*, na Biblioteca do Congresso, publicou três ensaios sob o título *The Role of Experience in Hannah Arendt's Political Thought*. Em alemão, publicou *Urteilen und eine gemeinsame Welt* no volume organizado por Wolfgang Heuer e Irmela von der Lühe, *Hannah Arendt und die Künste* (2007), *Die geistsprühende Arendt – Erinnerungen*, na revista *Text + Kritik*, *In Arendts Seminar*, na revista *Offener Horizont, Jahrbuch der Karl Jaspers-Gesellschaft*, *Hannah Arendt: Unter Freunden*, na mesma *Offener Horizont*, além de vários verbetes e ensaios no *Arendt Handbuch*, organizado por Wolfgang Heuer, Stefanie Rosenmüller e Bernd Heiter. As respostas abaixo dão sua perspectiva pessoal sobre a obra de Arendt, a produção que a seguiu e sobre a importância e atualidade de sua obra.

Boa leitura!

■ **Heuer/Liebel:** Professor Kohn, muito obrigado por nos atender para esta entrevista. Podemos começar com uma questão mais pessoal. O senhor foi estudante de Hannah Arendt e se tornou posteriormente seu pesquisador assistente. Quando isso ocorreu e qual foi a sua primeira impressão dela?

□ **Kohn:** *Eu trabalhei como assistente, ou monitor, de Arendt de 1969 até o ano de sua morte, em 1975, ou seja, por sete anos. O que primeiro me causou impressão em Arendt foi a sua espontaneidade. Eu estava na universidade de Columbia naquele momento e queria participar de seus cursos, oferecidos na New School de Nova York. Lá eu fui informado de que eu poderia assistir apenas a um dos dois cursos que ela oferecia então. Eu perguntei se poderia me encontrar com Arendt. Mostraram-me o caminho até o seu escritório, e lá eu falei para ela que ela era a única razão de eu estar lá na New School. Ela me disse, “Olha, aqui, o que eu posso fazer a respeito dessas regras?” Eu agradei a ela e saí de sua sala. Era um longo corredor até a saída do prédio. Então eu ouvi passos apressados atrás de mim. Era ela. Quando ela me alcançou, ela agarrou meu braço e disse: “Está bem, por favor, venha para os dois cursos, mas não conte para ninguém!” Esse foi o primeiro exemplo de sua espontaneidade, a qual eu testemunharia inúmeras vezes nos anos que se seguiriam.*

■ **Heuer/Liebel:** E o que as aulas de Hannah Arendt tinham de especial?

□ **Kohn:** *Estudar com Arendt foi diferente de todas as minhas outras experiências de estudo, com qualquer outra pessoa. Ela era imensamente erudita, a gente aprendia muito durante todo o processo. Ainda, era muito diferente da experiência típica do professor ensinando e o estudante escutando e aprendendo. O mais importante era que a gente aprendia com ela a questionar. Em seminários, principalmente, ela mesma levantava questões sobre o texto que estava sendo lido. Se era um texto antigo, vamos dizer, um dos Diálogos de Platão, por exemplo, ela passaria aos estudantes o sentido de uma conversação pública. Ela respondia a Sócrates não só com as palavras de seus interlocutores no texto, mas também com as suas próprias. Isso implicava também na explicação de uma grande parte da sintaxe e da gramática gregas. Mas o evento em si mesmo – e suas aulas eram eventos – tinham o efeito de transportar seus estudantes para uma arena pública na qual sua mais profunda necessidade era*

a de questionar um ao outro e, principalmente, de questioná-la.¹

■ **Heuer/Liebel:** A obra de Hannah Arendt não se enquadra bem em nenhuma das disciplinas científicas convencionais. Filósofos criticam o seu pensamento, acusando-o de não-normativo; cientistas políticos a acusam de ser elitista e conservadora, enquanto historiadores argumentaram que seu estudo sobre o Totalitarismo não remetia ao estado da arte. Todas essas alegadas fraquezas acabaram lançando uma luz negativa sobre o pensamento de Arendt em alguns círculos. Como soaria uma descrição positiva de seu trabalho? Qual o lugar de Arendt?

□ **Kohn:** *Isso é menos verdade nos Estados Unidos, talvez, do que na Alemanha, pelo menos hoje em dia. A reputação de Arendt nas universidades norte-americanas – e em muitos outros lugares do mundo – é enorme e vem crescendo bastante. A esterilidade da abordagem científica social a questões políticas é um dos importantes fatores que levam a sua nova proeminência nas universidades e a seu extraordinário apelo entre os estudantes. Outro é a grande diversidade de seu pensamento. Classicistas, filologistas, críticos culturais, bem como filósofos e cientistas políticos e teóricos políticos estão se voltando a ela com uma frequência cada vez maior.*

■ **Heuer/Liebel:** O trabalho de Arendt contém algumas posições teóricas contestadas em alguns círculos. Sua distinção intransigente entre política e o campo social, por exemplo, ou seu ensaio crítico sobre a integração forçada de alunos negros em Little Rock, em 1958. Arendt, com sua distinção aristotélica de que A não é o mesmo que B, estava inclinada a um esquematismo ou ela tem sido mal interpretada nesses pontos? Você acredita que Arendt é ainda relevante hoje em dia, e se sim, em que sentido?

□ **Kohn:** *Arendt via o mundo contemporâneo – nos aspectos históricos, políticos, científicos e filosóficos – destroçado por sucessivas crises (ver *Entre o Passado e o Futuro*). Hoje, mais e mais pensadores acabam concordando com ela ao conceber que essas crises ocorrem em franca oposição à tradição do pensamento ocidental e assim elude*

¹ Ver também Jerome Kohn/Elisabeth Young-Bruehl, What and how we learned from Hannah Arendt. An exchange of letters, in: GORDON, 2001, p. 225-256.

respostas tradicionais. Em minha opinião, o fato da grande tradição, para Arendt, ser parte do passado e poder ser entendida e mesmo festejada como tal, ultrapassa todo criticismo convencional (e tradicional) que é direcionado a ela, todas as críticas. Isso as torna irrelevantes. Isso também faz de Arendt uma autora bastante difícil de compreender. É apenas após o fim da tradição que alguém pode pensar substituindo os focos tradicionais e os propósitos educacionais, promovendo a habilidade de fazer distinções a partir da percepção de cada um e de desenvolver impressões do mundo real. Em outras palavras, o pensamento hoje busca fundar suas raízes na experiência.

■ **Heuer/Liebel:** Como você vê os desenvolvimentos atuais da pesquisa acerca da obra e do pensamento arendtianos?

□ **Kohn:** A pesquisa atual sobre Arendt é muito variada. Algumas das melhores contribuições não vêm de acadêmicos, mas de ativistas, como Fred Dewey². Mas também existem acadêmicos – como você mesmo, Wolfgang – que permanecem ativos no mundo real. A escrita acadêmica sobre Arendt, ainda que bem intencionada e respeitável, geralmente cai nas mesmas armadilhas que ela mesma apontou.

■ **Heuer/Liebel:** Se você fosse recomendar uma publicação ao leitor, qual seria?

□ **Kohn:** Para mim, pessoalmente, o mais completo estudo sobre o pensamento de Arendt

ainda é o de Margaret Canovan, *Hannah Arendt: A Reinterpretation of her Political Thought*. Mas a literatura secundária sobre Arendt é bastante vasta, e certamente existem muitos livros e ensaios que lidam bem com aspectos particulares de seu pensamento.

■ **Heuer/Liebel:** O que podemos todos nós, acadêmicos e não acadêmicos, aprender a partir da obra e do pensamento de Hannah Arendt?

□ **Kohn:** Nós podemos aprender a pensar e a julgar, e a aplicar julgamento a nossas ações no mundo.

■ **Heuer/Liebel:** Muito obrigado!

Referências

ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ASSY, Bethânia. *Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CANOVAN, Margaret. *Hannah Arendt: a reinterpretation of her political thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511521300>

DEWEY, Fred. *The school of public life*. Berlin: Errant Bodies, 2014.

GORDON, Mordechai (Ed.). *Hannah Arendt and Education: Renewing Our Common World*. Westview Press 2001.

Autor/Author:

WOLFGANG HEUER wolfgang.heuer@gmx.de

• Professor livre-docente no Instituto Otto-Suhr de Ciência Política da Freie Universität Berlin, é historiador e doutor em Ciência Política pela Freie Universität Berlin. Entre suas principais publicações estão os livros *Hannah Arendt* (Rowohlt, 1987), *Citizen: Politische Integrität und politisches Handeln* (Akademie, 1992), *Couragiertes Handeln* (zu Klampen, 2002) e a organização, com B. Heiter e S. Rosenmüller, do dicionário *Arendt Handbuch: Leben – Werke – Wirkung* (J. B. Metzler, 2011).

• Associate professor of the Otto-Suhr Institut at the Freie Universität Berlin. He is historian and holds a PhD in Political Science from the Freie Universität Berlin. Among his publications, stand out *Hannah Arendt* (Rowohlt, 1987), *Citizen: Politische Integrität und politisches Handeln* (Akademie, 1992), *Couragiertes Handeln* (zu Klampen, 2002) and the edition, together with B. Heiter and S. Rosenmüller, of the dictionary *Arendt Handbuch: Leben – Werke – Wirkung* (J. B. Metzler, 2011).

VINÍCIUS LIEBEL y_liebel@yahoo.de

• Historiador, doutor em Ciência Política pela Freie Universität Berlin. Autor de *Politische Karikaturen und die Grenzen des Humors und der Gewalt* (Budrich, 2011) e *Humor, Propaganda e Persuasão: As Charges na Propaganda Nazista – uma análise dos jornais Der Stürmer (Alemanha) e Deutscher Morgen (Brasil)* (NEA, 2017). Pesquisador associado do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos e Arabes (Niej), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

• Historian, PhD in Political Science from the Freie Universität Berlin. Author of *Politische Karikaturen und die Grenzen des Humors und der Gewalt* (Budrich, 2011) and *Humor, Propaganda e Persuasão: As Charges na Propaganda Nazista – uma análise dos jornais Der Stürmer (Alemanha) e Deutscher Morgen (Brasil)* (NEA, 2017). Associate researcher of the Interdisciplinary Nucleus for Jewish and Arabian Studies (Niej), at the Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Fred Dewey é cofundador do Neighborhood Councils Movement em Los Angeles, além de escritor, editor e professor. Ele dirigiu o Beyond Baroque, um espaço público para poesia, arte e debate em Los Angeles entre 1995 e 2010. Atua no Art Center College of Design, em Pasadena, Califórnia, and conduz grupos de trabalho e pesquisa sobre Arendt em espaços públicos e universidades pela Europa. Seu livro, *The School of Public Life* (2014), detalha seus esforços pessoais pela reconstrução do espaço público na política, cultura e justiça em Los Angeles, trabalhando diretamente com o conceito arendtiano de “espaço da aparência”.